

NOSSOS CLÁSSICOS

ALEXANDER VON HUMBOLDT

Entrevista com Sébastien Velut dirigida por Aldo Aloísio Dantas da Silva*

48, Boulevard Jourdan. Este é, desde fevereiro de 2001, o endereço do Departamento de Geografia da École Normale Supérieure (Paris). Foi neste endereço que me instalei, entre março e agosto de 2001, para desenvolver um trabalho de pesquisa sobre a obra de Pierre Monbeig, um dos fundadores da Geografia brasileira. Nesse período tive oportunidade de conhecer um dos mais novos e promissores professores daquela renomada instituição, Sébastien Velut. Jovem parisiense nascido às vésperas dos levantes de 68, casado, pai de um garoto de 4 anos. Velut é um apaixonado pelos estudos das sociedades latino-americanas, pelas relações entre geografia e literatura e pelas obras dos grandes viajantes, especialmente as de Humboldt. É sobre ele que batemos um papo em meados do mês de junho de 2001, e que é aqui reproduzido.

Em qual universo intelectual se inscreve a carreira de Alexander von Humboldt?

A originalidade de Alexander von Humboldt é que ele se situa na passagem entre dois períodos e, poder-se-ia dizer, entre dois mundos. Nascido em 1769, ele pertence à *Aufklärung* alemã por sua formação. Morto em 1859 (aos 90 anos de idade!), ele viu e participou não apenas do progresso das ciências, mas também da sua diferenciação e de sua especialização. Do mesmo modo, ele conheceu os

* Sébastien Velut é geógrafo, professor da École Normale Supérieure, em Paris. Aldo Dantas da Silva é professor do Departamento de Geografia e coordenador da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal.

últimos anos do Antigo Regime na Europa, os episódios revolucionários, as guerras napoleônicas, em seguida a volta de regimes conservadores nos grandes países europeus, particularmente nos seus últimos anos de vida. Descendente de uma nobre família prussiana, seu amigo mais próximo foi François Arago, astrônomo e matemático, mas também homem político conhecido por suas idéias republicanas e membro do governo provisório após a revolução de 1848. Da mesma forma, ele visitou o Império espanhol entre 1799 e 1804, imediatamente antes das independências e conheceu, na mesma viagem, os Estados-Unidos nos seus primeiros tempos republicanos. É esta passagem que me parece muito interessante, esta mudança intelectual e política que ele assistiu e, de certa forma, também, participou.

Sua formação o preparava realmente para sua carreira científica?

Não muito. O que é certo é que ele teve muito cedo uma sólida formação clássica, recebida diretamente de preceptores em companhia de seu irmão Wilhelm. Encontram-se estes traços nos seus escritos: ele conhece muito bem o grego e o latim, leu muito. Um famoso quadro representa os dois irmãos em companhia do poeta Schüller; Humboldt foi também muito ligado a Goethe, que se interessava também pelas ciências naturais. Nos primeiros anos ele deu seus primeiros passos em numerosas disciplinas: geologia, botânica e também filologia, com seu irmão. Segundo o desejo de sua mãe, que considerava mais séria esta orientação de carreira, ele também seguiu estudos comerciais. Em Humboldt, encontra-se menos a aprendizagem acadêmica de conhecimentos do que uma formidável bulimia de saber que o leva a se instruir de tudo e, graça as suas relações, a enriquecer seus conhecimentos.

Na minha opinião, é a experiência de viagem que foi fundamental nessa formação. Em 1790 Humboldt viaja para a Inglaterra, sob a responsabilidade de Georg Foster. Aquele que tinha feito a volta ao mundo com o capitão Cook permaneceu como um de seus modelos. Ele lhe ensinou verdadeiramente a viajar, a observar e, ao mesmo tempo, inoculou o vírus das viagens de longa travessia por mar, para as quais ele se impacientaria de realizar a partir desta volta pela Europa. É sob sua influência que Humboldt elabora seu projeto de expedição para as regiões tropicais e que coloca finalmente em prática na sua viagem americana. Claro que se trata de uma viagem científica, porém Humboldt não hesitou em gastar uma parte importante da herança materna para financiá-la. Creio que seu desejo de partida, de descoberta, de exotismo era a mais forte de suas motivações. Não creio que tenha havido, após Humboldt, eruditos que dominassem um tão largo leque de saberes, que pudessem passar de um para o outro sem dificuldades e se confrontar com os maiores especialistas destas disciplinas. Tal universalidade parece hoje em dia ser impossível de reproduzir.

Entretanto, já não era este o caso enquanto ele viveu?

Como eu dizia, Humboldt bateu recordes de longevidade. As ciências conheceram durante esse século a mudança para uma maior especialização. No fim do século XVIII, a principal referência para a história natural é Buffon; no meio do século XIX tudo mudou. As ciências naturais se especializaram: De Candolle para a botânica, Leonce Elie de Beaumont para a geologia, Alcide d'Orbigny para a estratigrafia, Arago para a astronomia, Gauss para as matemáticas e teorias da medida, são as figuras marcantes. Paralelamente, a matematização aumentou, particularmente nas ciências físicas, enquanto que os matemáticos exploravam novos domínios. Humboldt não segue mais as transformações: certas cartas a Arago testemunham este fato. Ele limita sua análise para o Cosmos a certas matérias, o que ele chama a "Física do Mundo" ou a descrição física do Mundo – o termo mesmo de descrição parece importante. Ele faz referência à idéia do quadro que está também na origem de toda uma parte da obra humboldtiana.

Além disso, ele mesmo participou dessa evolução. Humboldt foi um dos primeiros organizadores de congressos científicos e percebeu rapidamente que era necessário fazer sessões especializadas. Embora ultrapassado pelas evoluções das ciências, ele sempre se manteve atualizado e animou várias redes científicas: rede de observatórios para certos fenômenos, em particular o magnetismo terrestre, mas também rede de correspondentes com quem ele trocava dados, comentários, teorias. Sua imensa correspondência testemunha esta atividade. Pode-se dizer também que ele tinha fundado um paradigma científico, aquele da ciência humboldtiana, que se fundamenta sobre a observação e a medida, que ficaram efetivamente no centro de sua atividade, mesmo se as grandes teorias lhe escapavam: não existe nenhuma lei, nenhum teorema "de Humboldt", porém, em contrapartida, vários lugares têm seu nome.

A toponímia nos faz voltar à Geografia. Ele é freqüentemente apresentado como um dos fundadores da disciplina. Trata-se de uma tese que se pode aceitar sem crítica?

Efetivamente, em várias histórias da geografia, Humboldt aparece como uma das figuras fundadoras, mas essa reputação é sem dúvida usurpada. Para Horacio Capel, Humboldt e Ritter são os pais "putativos" da geografia, mais do que seus genitores comprovados. Essa discussão também faz referência ao que Olivier Soubeyran chama de imaginário disciplinar, ou seja, um conjunto de crenças, de preconceitos, nem sempre fundados que os eruditos fazem de sua própria disciplina.

De fato, pode-se responder a esta questão de diferentes maneiras. Alexander von Humboldt foi membro e durante um tempo presidente de honra da Sociedade de Geografia de Paris, fundada em 1821: ele era portanto considerado um geógrafo. Porém, tratava-se principalmente de uma sociedade preocupada com descobertas, novas terras, melhores mapas, melhoria das medidas de latitude e de longitude etc. Resumindo, uma geografia que persegue a tarefa de preencher tão precisamen-

te quanto possível os espaços dos mapas, bem distante justamente da geografia moderna. Por outro lado, Humboldt publicou uma obra sobre a geografia das plantas, sua repartição em função da altitude e da latitude, que pode parecer precursor da biogeografia, mas ele não foi muito seguido no seu tempo.

É também necessário lembrar que Humboldt não teve nem disciplinas, nem escola. Ele nunca ocupou uma cadeira universitária, mas dava de bom grado palestras para o público culto ou assembléias eruditas. Se a grande universidade de Berlim se chama Humboldt, é a Wilhem que esse nome faz referência e não a Alexandre. Dito de outra maneira, ele não teve institucionalmente os meios para fundar uma escola ou algo parecido.

Por outro lado, houve releituras posteriores da obra de Humboldt. Na França, há um comentário muito elogioso da parte de Emmanuel de Martonne no seu Tratado de Geografia Física. Ele sublinha particularmente sua preocupação em localizar os fenômenos, de não se contentar com a descrição de um lugar, mas de se perguntar quais são os fatores de repartição. Mais tarde foi Max Sorre que pronunciou uma palestra sobre Humboldt, e que sublinhava a importância do estudo do homem como fazendo parte da natureza. Poder-se-ia também utilizar o nome de Humboldt para destacar o lado sintético de seu pensamento, que combina ciência da natureza e ciências humanas para defender a idéia da geografia como ciência de síntese. Dito de outra forma, cada um encontrou na sua obra, em função de suas necessidades, o que podia servir para sua demonstração, alimentar sua própria visão do que a geografia devia ser.

Na França, essa herança humboldtiana é finalmente pouco valorizada, pois a sombra de Vidal eclipsou toda a geografia anterior. Seus trabalhos são mais conhecidos na Alemanha, embora ele tenha escrito a maior parte em francês e, mais geralmente, nos países onde a geografia está próxima das ciências da natureza. Isto faz lembrar a hipótese do imaginário disciplinar: escolhe-se os antepassados que correspondem melhor à geografia que se deseja autopracar. As comunidades científicas são também comunidades imaginadas e escolher para si antepassados faz parte desse trabalho de construção de uma memória comum.

Então, ao interessarmo-nos hoje por Alexander von Humboldt não incorremos novamente nos equívocos desses predecessores que queriam a qualquer preço fazer dele um precursor de suas próprias *démarches*?

Há várias respostas a esta questão. Trata-se de um personagem complexo, sua obra foi importante por vários motivos. É uma testemunha excepcional de seu tempo na sua evolução política e científica. Tudo isto pode justificar o interesse dos historiadores e, particularmente, dos historiadores das ciências que reavaliam atualmente seu lugar. Porém, ocorre a mesma coisa no que se refere à compreensão da história cultural da Europa ou ainda das premissas científicas da expansão europeia.

Ele participou deste movimento?

Trata-se de uma questão delicada: é verdade que ele foi ligado à Sociedade de Geografia de Paris e que esta se tornou um dos instrumentos da expansão colonial. Após Humboldt, ela foi presidida por um grande número de marinheiros, exploradores, militares e todos tiveram um papel neste movimento. Ele forneceu também um certo número de instrumentos de observação que facilitaram o conhecimento e a compreensão dos meios tropicais e, em conseqüência, sua valorização, ou a exploração periódica de determinada porção de madeira pelos Europeus. Sua abordagem dos problemas permaneceu durante muito tempo prática. Ele estudou, por exemplo, as possibilidades de construir um canal através do istmo americano, ou a exploração de minas no México, em seguida na Rússia. Creio que não há dúvida que ele desejou dispor de uma ciência aplicável para o desenvolvimento econômico.

Todavia, ele sempre foi contrário às formas de domínio que implicavam em colonização. Ele denunciou vigorosamente a escravidão praticada pelos espanhóis no seu Império, e particularmente em Cuba. Ele apreciou a democracia nos Estados Unidos e aclamou os movimentos de independência da América espanhola. A liberdade política permaneceu para ele, apesar de suas origens e de seus empregos oficiais, um valor fundamental.

E retornando a seu interesse atual?

Parece-me que para os geógrafos de hoje sua leitura permanece das mais enriquecedoras. Creio que ele convida a se interrogar sobre a história de nossa disciplina, a perceber o débito de muitos geógrafos posteriores em relação a Humboldt. Dou dois exemplos: o primeiro é aquele dos problemas ligados a hidrologia do vale do México, esse vale úmido que os Espanhóis buscaram drenar sem conseguir. Alain Musset estudou muito bem esse episódio. Porém, Humboldt já tinha abordado o problema e mostrado como se combinavam fatores naturais, técnicas e concepções de uns e outros. O outro exemplo seria aquele de sua maneira de conceber as relações entre natureza e sociedade sem cair no determinismo, mas adotando uma visão muito mais flexível, mais próxima do que se poderia esperar daquela de Vidal. Dito de outra forma, estudar Humboldt é revisitar uma parte da história das ciências, num momento em que a geografia ainda não está claramente identificada, mas onde ela cria um certo número de raízes. Desafiar este pensamento é extremamente estimulante, pois trata-se de um grande erudito.

Pode-se obter também um modelo para práticas atuais: se é possível desafiar esta reconstrução a posteriori da história disciplinar, ganha-se sempre no retorno a textos fundamentais a fim de buscar neles uma inspiração nova. Eu desconfio de uma história das idéias praticadas por ela mesma e que teria apenas como objetivo classificar os autores e suas obras seguindo categorias antecipadamente definidas. Isto é a entomologia de idéias: o que é interessante é compreender os mecanismos intelectuais e ver, como geógrafo, como eles estão em relação às práticas atuais.

Isto pode parecer menos racional, mas creio que é a única maneira de tirar desta história algum benefício para o trabalho de hoje.

No caso de Humboldt, qual seria a contribuição? Onde estaria situada a sua participação?

Neste momento parece-me que se pode ressaltar a precisão da observação e a qualidade dos textos. No conjunto, as obras de Humboldt são construídas de maneira estranha: entende-se mal a lógica. No detalhe, há passagens realmente excepcionais nas quais ele consegue ao mesmo tempo descrever com precisão uma paisagem, evocar os sentimentos que esta contemplação faz nascer e explicar porque ela provoca esta sensação. Isto não se limita aos textos, há também gravuras, particularmente *Vues des Cordillères* (“Vista das Cordilheiras”).

Dito de outra maneira, ele procurou não somente compreender os fenômenos naturais, a física do globo, mas, principalmente, ele não se limitou à descrição objetivista. Ele sempre procurou fazer entender como os homens percebiam e compreendiam a natureza. Os capítulos mais interessantes do *Cosmos* são sem dúvida aqueles onde ele mostra a evolução progressiva da idéia mesma de *Cosmos* e as interações que existem entre a elaboração de saberes científicos, os progressos de descobertas e as artes que, elas também, participam desta construção de representações do mundo. Creio que esta maneira de passar do material ao imaterial, dos objetos às representações, deixada de lado pelas ciências objetivistas do século XIX e do início do século XX, permanece como uma contribuição fundamental para os geógrafos de hoje que se fazem novamente estas perguntas.

Evidentemente, esse fenômeno reflexivo é potencialmente infinito: o próprio Humboldt, portanto, está sempre presente na sua obra. Não apenas como autor, não apenas porque seu nome aparece na capa do livro, mas porque sua *démarche* o leva a fornecer o panorama de sua própria pesquisa, seus métodos. Ele apresenta uma ciência inseparável das condições de sua produção, que encontra nesta determinação seu alcance e seu limite. É o que eu acho fascinante em toda a obra humboldtiana.

Essa reflexividade não nos coloca a questão da linguagem científica?

Claro. De fato, das pesquisas de seu irmão, Alexander von Humboldt seguiu de perto os desenvolvimentos da lingüística na primeira metade do século XIX. Ele recolheu vocabulários de línguas ameríndias, e ele era poliglota, escrevendo tão bem em francês quanto em alemão, falando tão facilmente inglês quanto espanhol, lendo o latim, o grego, talvez o hebreu. Esta familiaridade com a lingüística, essa prática de numerosas línguas alimentou sem dúvida suas interrogações sobre a linguagem da ciência.

Na introdução do *Cosmos*, ele sublinha a vantagem que se tem ao utilizar uma língua que se domina totalmente, que se pode manipular com alguma flexibilidade para descrever com precisão os quadros da natureza, e também porque esta língua “dá como um sopro de vida para o pensamento”. Para dizer a verdade, Humboldt

mudou muito de língua: não somente de idioma, mas também de gênero, praticando, quando necessário, a linguagem matemática ou aquela do desenho. Cada uma tinha suas vantagens: precisão, característica sintética etc. O que ele nunca abandonou foi a busca da elegância, a qualidade da evocação. Isto subsiste mesmo nos quadros científicos: a gravura fica sempre pitoresca, sendo perfeitamente fiel à paisagem observada.

Assim, sua *démarche* científica não se separa das artes, da pintura ou da literatura?

Nesse sentido, ele mesmo pouco ou nada se arriscou. Não era para o que Humboldt era melhor dotado, ele desconfiava das obras da imaginação. Para ele o conhecimento é o ponto de partida, daí sua oposição às figuras do romantismo alemão que ressaltavam um vago sentimento da natureza. Ele criticou vigorosamente suas elucubrações que ignoravam o conhecimento científico. Neste sentido, ele permanece largamente um representante das Luzes.

Em contrapartida, ele encorajou fortemente os artistas capazes de mostrar paisagens tropicais segundo sua idéia, ou seja, precisa e evocativa. Ele os queria capazes, ao mesmo tempo, de pintar exatamente as espécies vegetais, como o teria feito um botânico, e também de fazer sentir a atmosfera pesada da floresta úmida ou ainda a qualidade de luz dos céus tropicais. Certos pintores, como Rugendas, aplicaram largamente este programa, revelando e mostrando assim a natureza americana.

O que estava em jogo não era mais apenas de caráter científico ou artístico, mas tornava-se francamente político, em nações que acabavam de ter acesso à independência.